

Índice de Bem-Estar Urbano (IBEU) – Rio de Janeiro

Raquel de Lucena Oliveira e João Luis Nery

O livro “Índice de Bem-estar Urbano – IBEU”, elaborado no âmbito do INCT Observatório das Metrôpoles, constitui-se em importante ferramenta de auxílio à formulação e implementação de políticas urbanas no Brasil. Sua publicação é o resultado de uma experiência pioneira no campo da construção de índices urbanos, capaz de analisar em diferentes escalas a condição de bem-estar urbano nas metrôpoles brasileiras.

O objetivo desse Índice é avaliar a condição de bem-estar desfrutada pelos brasileiros via mercado, através do consumo, e também através dos serviços sociais oferecidos pelo Estado. Em outras palavras, é um índice que se relaciona com as condições coletivas de vida geradas pelo ambiente construído da cidade, assim abarca as escalas da habitação e de seu entorno próximo, ou seja, a oferta e existência de equipamentos e serviços públicos.

O Índice de Bem-Estar Urbano foi calculado para os 15 grandes aglomerados urbanos, definidos como metrôpoles brasileiras através de estudo prévio feito pelo Observatório das Metrôpoles¹. Neste estudo, observou-se que tais regiões exercem importantes funções de direção, comando e coordenação dos fluxos econômicos.

O índice é composto por cinco dimensões: mobilidade urbana; condições ambientais urbanas; condições habitacionais urbanas; atendimento de serviços coletivos urbanos; infraestrutura urbana. Cada uma dessas dimensões contém um conjunto de indicadores, os quais foram elaborados a partir do censo demográfico de 2010 do IBGE, tanto pela base de microdados quanto pela base do universo.

Além disso, o IBEU foi construído de duas maneiras, sendo, portanto, observado de forma Global e de forma Local. O IBEU Global é calculado de modo comparativo entre o grupo das 15 metrôpoles do país, cujo critério de seleção foi acima referenciado. Seu resultado, portanto, se dá em relação às características das demais regiões metropolitanas, ou seja, este modo permite a comparação das condições de vida urbana em três escalas: entre as metrôpoles, entre os municípios metropolitanos e entre os bairros² que compõem o conjunto das metrôpoles.

¹ OBSERVATÓRIO das Metrôpoles. Análise das Regiões Metropolitanas do Brasil. Relatório da Atividade 1: identificação dos espaços metropolitanos e construção de tipologias. Rio de Janeiro, Observatório das Metrôpoles, 2005.

² A denominação de bairro, neste estudo, corresponde a área de ponderação. Denominação do IBGE para áreas que se constituem por um conjunto de setores censitários e apresentam relativa homogeneidade demográfica e social; continuidade espacial, sempre que possível; e contigüidade municipal.

Já o IBEU Local é calculado também de modo comparativo, contudo, sua comparação é feita no âmbito de cada metrópole especificamente. Isto nos permite uma avaliação interna das condições de vida urbana de cada uma das Metrôpoles. Trata-se de uma comparação feita a partir das áreas de ponderação (bairros) internamente, em cada região metropolitana.

Assim, dando prosseguimento a série de textos analíticos com os resultados do IBEU Local, apresentaremos um panorama do bem-estar urbano na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, a segunda maior área metropolitana do Brasil.

IBEU DOS MUNICÍPIOS METROPOLITANOS (RMRJ)

A RMRJ é composta por 20 municípios e 338 áreas de ponderação (bairros). É uma imensa área com elevada densidade demográfica e características socioeconômicas bastante heterogêneas. Dentre as 338 áreas de ponderação existentes, somente 93 apresentaram índice de bem-estar urbano correspondente as faixas mais elevadas, (entre 1,000 - 0,901 e entre 0,900 - 0,801). Ou seja, apenas 27% das áreas que compõem a RMRJ possuem uma condição de bem-estar urbano muito boa ou boa. É uma porcentagem muito baixa se observarmos a dimensão da RMRJ e sua densidade populacional.

Em contrapartida, 134 áreas, correspondente as faixas inferiores, (0,500 - 0,001 e 0,700 - 0,501), apresentam condições muito ruins ou ruins de bem-estar urbano, o que representa cerca de 40% das áreas totais. Um número de áreas bastante elevado. Já as áreas restantes, aproximadamente 33% apresentaram condições médias de bem-estar urbano, podendo, assim, serem classificadas como áreas com condições regulares ou razoáveis.

As áreas que apresentam os níveis mais elevados de bem-estar urbano na RMRJ estão localizadas na Zona Sul do município do Rio de Janeiro e em boa parte da Zona Norte. Correspondendo aos bairros de: Copacabana, o qual possui o maior índice da Região (0,982), seguido por Laranjeiras (0,973), Flamengo (0,968), Humaitá (0,963), Leme (0,953) e Ipanema (0,948).

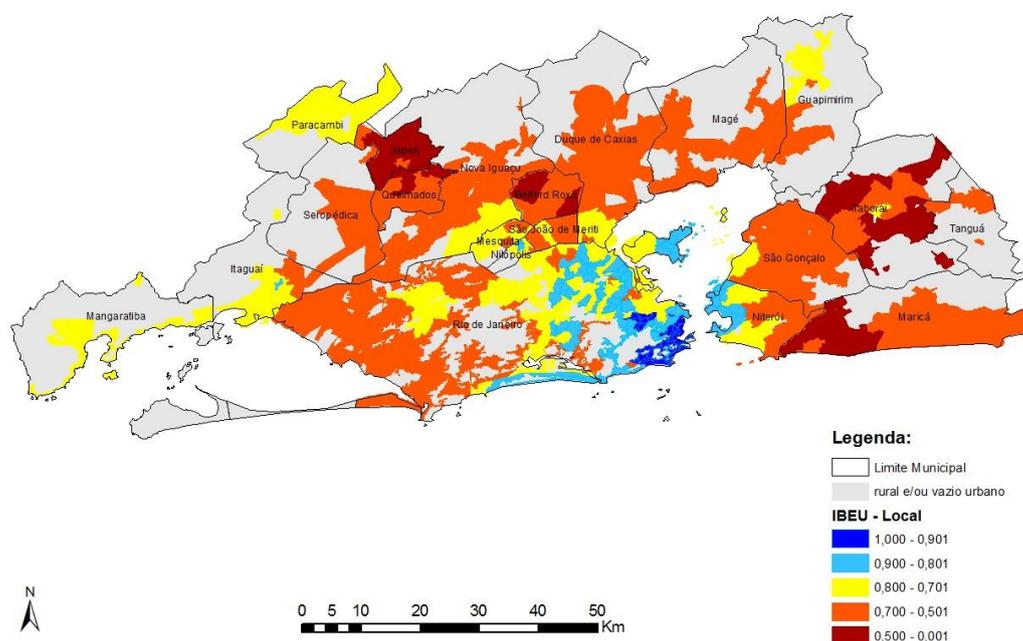
A Barra da Tijuca e algumas áreas de Jacarepaguá e Recreio dos Bandeirantes são as únicas áreas da Zona Oeste do município do Rio de Janeiro que apresentam índices elevados. Cabe também destacar uma única área localizada no município de Nilópolis, que possui índice elevado de bem-estar urbano (0,808). A única na Baixada Fluminense com condições elevadas. Além dessas áreas, é possível observar também a região oceânica de Niterói, com índices que variam de 0,813 a 0,888.

Os piores índices estão localizados, sobretudo, na periferia da região metropolitana. O município de Japeri possui a área com o pior índice de bem-estar urbano (0,258), seguido pela

Comunidade Rio das Pedras no bairro de Jacarepaguá (0,366), localizada no município do Rio de Janeiro, e nos municípios de Queimados (0,405), Belford Roxo (0,439), Itaboraí (0,447) e Maricá (0,472).

Se observarmos apenas o município do Rio de Janeiro, toda zona oeste, á exceção dos bairros já assinalados, possui condições de bem-estar urbano ruim, na faixa de 0,700 - 0,501. Menos as áreas pertencentes ao bairro de Campo Grande, que possuem condições médias de bem-estar urbano, na faixa de 0,800 -0,701, destoando, portando, das características dessa região, com um padrão mais homogêneo, conforme pode ser visto a partir do mapa abaixo.

Índice de Bem-Estar Urbano (IBEU - Local) - Região Metropolitana do Rio de Janeiro - 2010



Analisaremos, a seguir, os resultados de cada dimensão que compõem o IBEU separadamente.

AS DIMENSÕES DO BEM-ESTAR URBANO

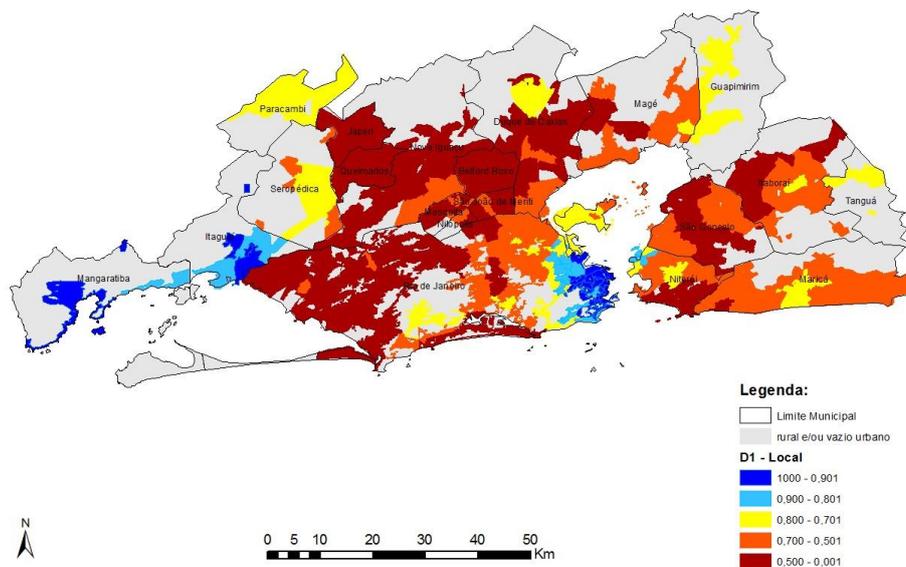
A dimensão **mobilidade urbana (D1)** possui apenas um indicador: Deslocamento casa-trabalho. Este indicador diz respeito ao tempo gasto pelas pessoas ocupadas no trajeto de ida entre o domicílio de residência e o local de trabalho. Sendo considerado adequado um tempo gasto de até 1 hora de deslocamento.

As áreas que apresentaram os melhores índices de mobilidade urbana foram: Copacabana (0,983); Humaitá (0,9783) e Rio Comprido (0,9782). Já as áreas que apresentaram

os piores índices foram: Japeri (com índices que variaram de 0,001 a 0,063); Queimados (com índices que variaram de 0,069 a 0,129) e Pedra de Guaratiba e Barra de Guaratiba (0,138).

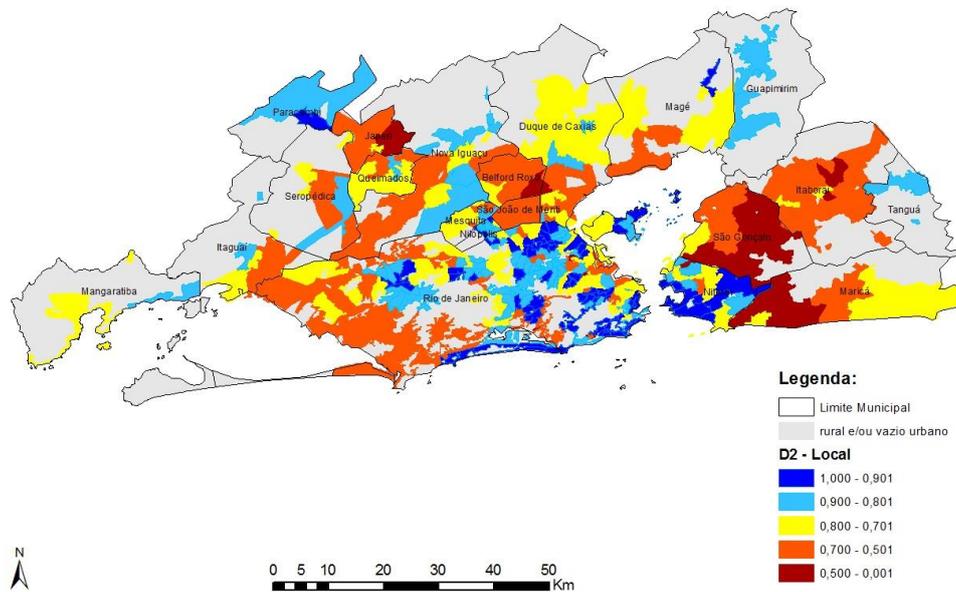
De todas as dimensões analisadas pelo IBEU, a mobilidade urbana foi a que obteve os piores índices. Das 338 áreas existentes, 240 apresentaram condições de mobilidade urbana ruim ou muito ruim, representando 71% das áreas.

Mobilidade Urbana (D1 - Local) - Região Metropolitana do Rio de Janeiro - 2010



A dimensão **condições ambientais urbanas (D2)** possui três indicadores: arborização do entorno dos domicílios; esgoto a céu aberto no entorno dos domicílios e lixo acumulado no entorno dos domicílios. Nesta dimensão, as áreas que apresentaram as melhores condições foram: Copacabana (0,998), Lagoa (0,998) e Laranjeiras (0,997). Por outro lado, as áreas que apresentaram as piores condições foram: Comunidade Rio das Pedras (0,125); Itaboraí (0,351) e Maricá (0,364).

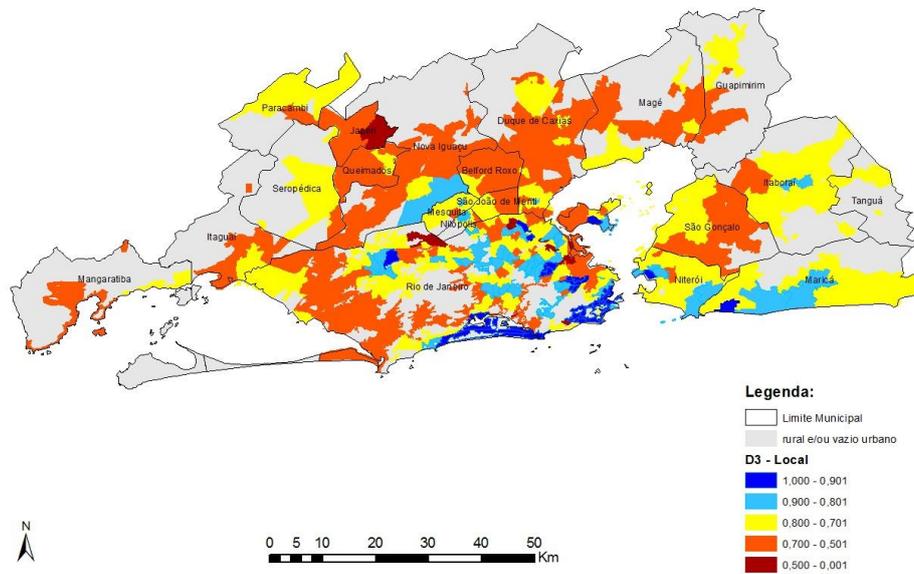
Condições Ambientais Urbanas (D2 - Local) - Região Metropolitana do Rio de Janeiro - 2010



A dimensão **condições habitacionais (D3)** é composta por quatro indicadores: aglomerado subnormal, densidade domiciliar, densidade morador/banheiro e material das paredes dos domicílios. A escolha desses indicadores respeitou o critério de compreensão das condições dos domicílios, além de características contidas nos mesmos que possam favorecer o bem-estar urbano.

Nesta dimensão, as áreas com melhores condições habitacionais foram: Barra da Tijuca (com índices que variam de 0,993 – 0,991); Tijuca (0,985) e Flamengo (0,982), todas áreas em bairros do município do Rio de Janeiro. Em contrapartida os piores índices foram observados nas seguintes áreas: Comunidade Rio das Pedras (duas áreas com índices de 0,240 e 0,317); Japeri (0,342) e Manguinhos (0,353).

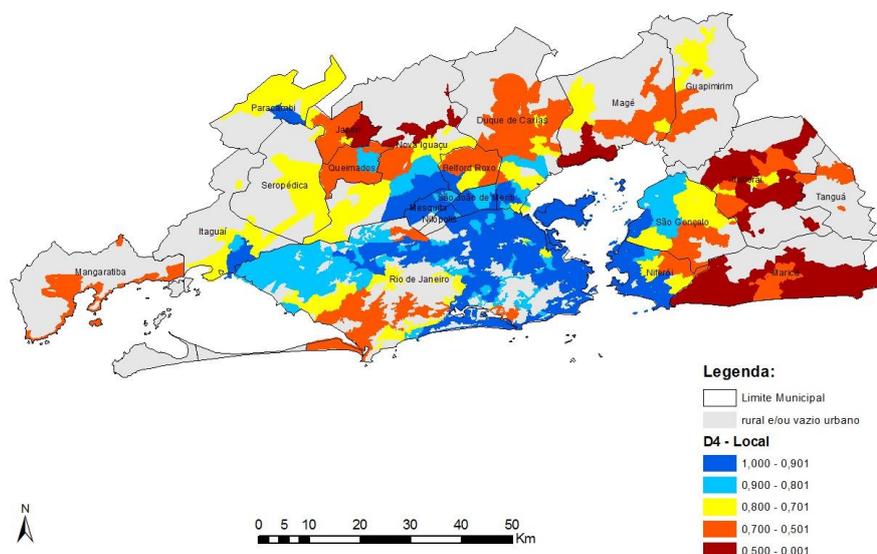
Condições Habitacionais Urbanas (D3 - Local) - Região Metropolitana do Rio de Janeiro - 2010



No que concerne à dimensão de **atendimento de serviços coletivos urbanos (D4)**, sua composição foi feita a partir de quatro indicadores: atendimento adequado de água, atendimento adequado de esgoto, atendimento adequado de energia e coleta adequada de lixo. Trata-se, portanto de um panorama da situação dos serviços públicos básicos para a garantia de bem-estar urbano.

Nesta dimensão, os melhores índices foram observados nas seguintes áreas: Flamengo (com o valor 1), Todos os Santos (0,998), Copacabana (0,998). Já as piores condições de atendimento de serviços coletivos foram encontrados nas seguintes áreas: Japeri (0,311); Itaboraí (0,318) e Maricá (0,352).

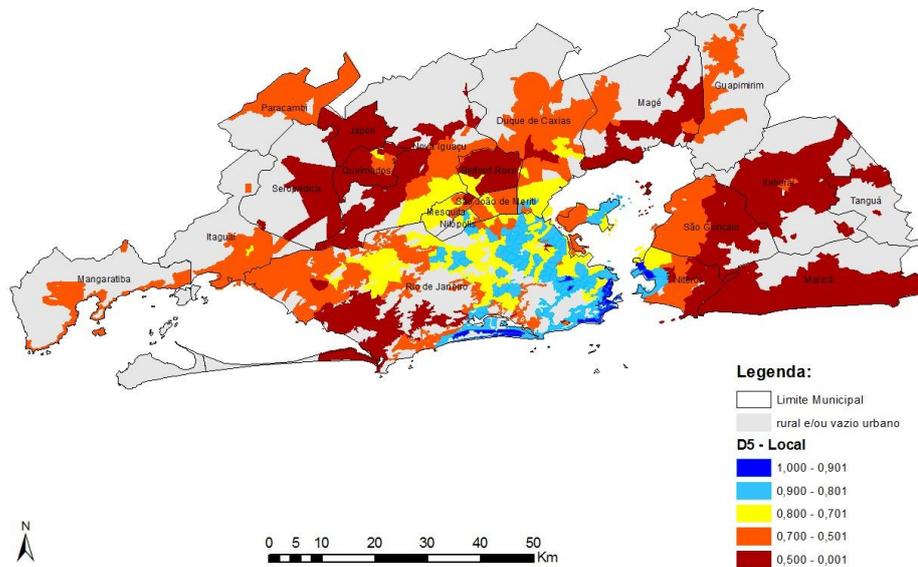
Atendimento Domiciliar de Serviços Coletivos Urbanos (D4 - Local) - Região Metropolitana do Rio de Janeiro - 2010



Já a última dimensão analisada pelo IBEU, a dimensão da **infraestrutura urbana**, utilizou sete indicadores: iluminação pública, pavimentação, calçada, meio-fio/guia, bueiro ou boca de lobo, rampa para cadeirantes e logradouros. São indicadores que dialogam diretamente com acessibilidade no espaço urbano.

Nesta dimensão, as áreas da região metropolitana que obtiveram os índices mais elevados foram: Copacabana (0,996); Leme (0,959) e Niterói (0,958). Já as áreas que obtiveram as piores condições de Infraestrutura Urbana foram: Comunidade Rio das Pedras (0,086); Itaboraí (0,153) e Japeri (0,169).

Infraestrutura Urbana (D5 - Local) - Região Metropolitana do Rio de Janeiro - 2010



A seguir, relacionaremos os dados do Índice de Bem-Estar Urbano (IBEU), com a estrutura etária dos habitantes da região metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ). Possui como justificativa o intuito de identificar as disparidades presentes no espaço intraurbano da RMRJ, através dessa possibilidade do IBEU de ser relacionado com outros dados e índices que avaliam sociedades e meios urbanos.

Esse cruzamento entre Índice de Bem-Estar Urbano e os dados oriundos da estrutura etária (idade e sexo) contribui para analisarmos, além das diferentes aplicabilidades do índice, os processos de envelhecimento populacional na região metropolitana do Rio de Janeiro, tendo em vista as disparidades das condições urbanas no espaço intraurbano.

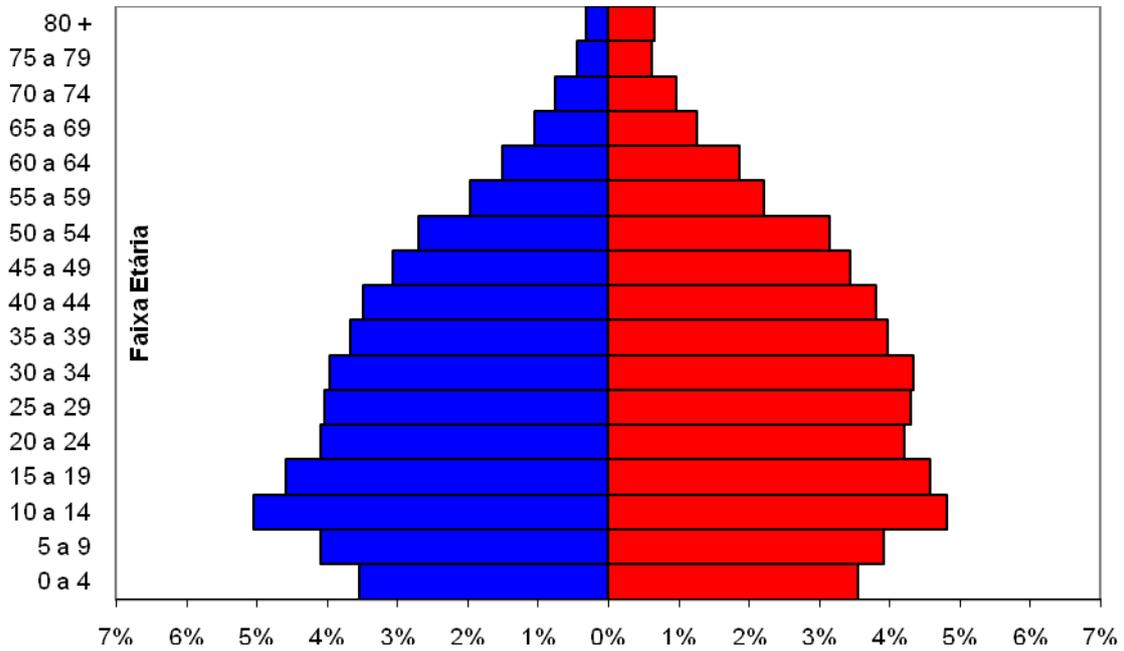
Busca-se então saber se há uma relação entre os diferentes níveis de bem-estar urbano no espaço intraurbano da região metropolitana do Rio de Janeiro e as estruturas etárias presentes nesses espaços divididos por esses níveis de bem-estar. Temos como hipótese que nos espaços da região metropolitana do Rio de Janeiro onde os resultados do Índice de Bem-Estar Urbano apresentam níveis mais elevados, sua estrutura etária teria como característica um maior envelhecimento. Em contrapartida, nos espaços onde esses níveis do IBEU são mais reduzidos a estrutura etária apresentaria uma maior proporção de jovens.

Resultados

Nível 1: 0,500 – 0,001

- Homens - Mulheres

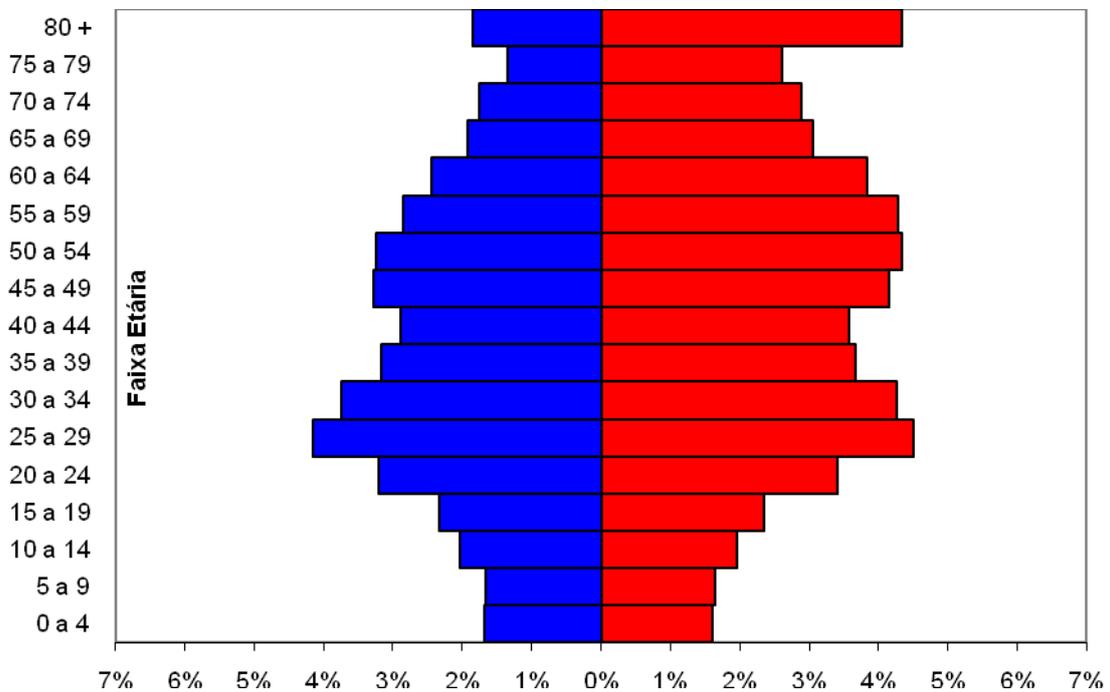
Média de idade:
30,84



Nível 5: 1,000 – 0,901

- Homens - Mulheres

Média de idade:
43,85



Podemos observar o aumento da proporção de pessoas com mais idade quando ao passo que aumentamos o nível de bem-estar. Buscamos aqui então fazer uma comparação entre o Nível 1 (índice inferior) e o Nível 5 (índice mais elevado), onde essa discrepância se

torna mais evidente. Tendo o primeiro uma proporção de jovens de 10 a 14 anos como a maior de sua estrutura, algo próximo a 5%, enquanto no índice tido como o mais elevado, com uma proporção semelhante a essa, que por sua vez se aplica às mulheres acima dos 80 anos.

Traduzindo esses dados para números absolutos, possuímos no índice inferior, em uma população de 408.174 pessoas, 178.100 pessoas (43,6%) com idade entre 0 e 24 anos, ou seja, algo bem próximo à metade da população composta por jovens. Na classe correspondente às pessoas com idade entre 25 e 60 anos, encontramos a maior parte da população, composta por 193.896 pessoas (47,5%) e por fim, na classe das pessoas acima dos 60 anos obtemos a menor parcela dessa população, composta por 36.178 pessoas (8,9%).

Analisando em números absolutos o nível 5, que agrupa os habitantes das áreas de ponderação que apresentam o IBEU mais elevado, em uma população composta por 726.676 obtemos para o grupo dos mais jovens, ou seja, aqueles com idade entre 0 e 24 anos um total de 158.952 pessoas (21,9%), uma proporção bem menor que a proporção apresentada pelo nível 1 para esse grupo de jovens. Na classe das pessoas na faixa etária entre os 25 e os 59 anos, encontramos um total de 378.472 pessoas (52,1%). E entre as pessoas acima de 60 anos obtemos em números absolutos 189.252 pessoas, que proporcionalmente significa 26%, uma proporção bem acima da apresentada pelo índice inferior, indicando um envelhecimento dessa população.

Podemos observar também que há um maior número de pessoas nos locais onde o IBEU obteve seu nível mais elevado, ou seja, acima de 0,9001 em relação ao seu nível mais baixo (até 0,500). Porém, nos outros níveis do IBEU é que se encontram as maiores populações, no nível 2, que possui a maior população dentre todos os níveis, esse número é de 5.163.503. Já no nível 3 a população é de 3.548.949 pessoas. E por fim, no nível 4, essa população é composta por 2.024.860 pessoas. E no total de todos os níveis o número de mulheres é maior que o número de homens, variando em algumas faixas etárias.

Em relação à média de idade das estruturas etárias de cada nível, também constatamos o envelhecimento dessa média conforme subimos de classe de nível de bem-estar urbano. Já que no índice inferior temos uma média de idade de 30,84 anos, no nível 2: de 32,18, nível 3: 34,75, nível 4: 38,23 e no último, o nível 5, que abrange a classe com o mais elevado índice de bem-estar, a média de idade é de 43,85 anos.

Considerações Finais e comparações entre pirâmides

A hipótese levantada é comprovada através dessa análise, ou seja, os conjuntos das áreas de ponderação que apresentam os níveis de bem-estar urbano mais elevados também

apresentam uma estrutura etária mais envelhecida. E os conjuntos das áreas com menores níveis possuem uma pirâmide etária de maior base, ou seja, com maior proporção de jovens.

Essa análise proporciona desdobramentos para novas pesquisas com novas questões como: quais os mecanismos que explicam essa estreita relação entre o Índice de Bem-Estar Urbano e a maneira como as estruturas etárias da região metropolitana do Rio de Janeiro se apresentam?

Em nível de curiosidade e indo mais além, faremos uma comparação entre as pirâmides etárias apresentadas para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro de acordo com os níveis do IBEU para 2010 e os dados das pirâmides etárias de 2013 do site da Central Intelligence Agency (CIA), estas por sua vez, elaboradas para a escala de países. Como exemplos, buscaremos observar a estrutura etária do Brasil como um todo e a estrutura etária da Noruega, que é o país mais bem colocado no ranking do último cálculo do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

Na Noruega, país com o IDH de 0,955, a média de idade de sua população é de 40,6 anos, ou seja, uma média menor que a encontrada nos locais onde o IBEU apresentou os níveis mais elevados (0,901 – 1,000) que por sua vez teve média de 43,85 anos. Tendo a base da estrutura etária norueguesa, composta pelas pessoas de 0 a 24 anos, maior proporção de pessoas que a do índice mais elevado 30,9% e 21,9%, respectivamente. Já na comparação feita entre o grupo que apresenta o índice mais baixo do IBEU (0,001 – 0,500) e a estrutura etária brasileira, encontramos números bem semelhantes no que diz respeito à média de idade, sendo a do nível 1 de 30,84 anos e a média de idade da população brasileira de 30,3 anos, sendo a base da estrutura etária brasileira composta por 40,9% da população ao mesmo tempo que a base da população das áreas que apresentam os índices mais baixos composta por 43,6%.

O IBEU Local representa uma ferramenta importante no processo de compreensão das desigualdades territoriais existentes no âmbito metropolitano. A análise de seus índices e observação de seus mapas nos permite localizar as desigualdades de condições de bem-estar no espaço urbano metropolitano, bem como identificar onde se encontram os melhores e piores índices de bem-estar. Além de poder ser relacionado com outras ferramentas que visam compreender os espaços urbanos em diferentes escalas.

Contudo, não se trata apenas da construção de um ranking que possa elencar as melhores e piores condições de bem-estar urbanos existentes. Nosso objetivo não é incentivar a competição entre bairros pelas melhores posições. Nosso desafio maior, ao sinalizar tais desigualdade territoriais, é mostrar que o bem-estar urbano não está sendo assegurado para

todo população em um cenário no qual se defende que todos devem ter o *direito à vida e direito à cidade*, com condições básicas de reprodução social.

Bibliografia

Site da CIA: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos.html>

Site do IDH: <http://www.pnud.org.br/IDH/DH.aspx>